

A Falta de Medicamentos

Prezado Senhor Editor

Eis aí um fato atual, porém não desconhecido. Em nossa área, repete-se periodicamente. As causas são várias e não conclusivas. Alegam os laboratórios fabricantes dificuldades de importação, inexistência de sais indispensáveis na composição, preços elevados. Algumas vezes, a escassez é atribuída a efeitos indesejáveis, verificados. Enfim, são poucas as explicações à classe médica quando da súbita retirada dos produtos do mercado.

Em geral, os consumidores não são alertados, também. Simplesmente, ao se requisitar os produtos, a seção de compras dos hospitais responde que estão em falta, não havendo substitutos disponíveis. Mas há um fato infalível: os reaparelamentos, quando acontecem, são invariavelmente acompanhados de substanciais aumentos de preços.

Há um aspecto com o qual nós, médicos, não nos conformamos: o fato de que, no decorrer dos

anos, os laboratórios nacionais sofreram brutal redução em suas atividades. A maioria deixou de existir. Sob certo ângulo, é compreensível tal fato, pois o domínio da indústria farmacêutica está com poderosos grupos estrangeiros. As razões se prendem à necessidade de vultosos capitais, tecnologias, pesquisa e comercialização. Tudo muito compreensível.

O que não parece justo é que, em determinada época, dispúnhamos, por exemplo, de relaxantes musculares genuinamente nacionais, com qualidade perfeitamente aceitável e de uso freqüente. Subitamente, deixaram de ser produzidos. No caso, se enquadra o Kondrocurare (O-metil N-metil beberina).

Bairão, em relatório oficial ao III Congresso Argentino de Anestesiologia, ao citá-lo considera vários aspectos favoráveis, inclusive o fato de não lhe ser imputada a liberação de histamina.

Tendo em vista a situação em que se encontra o Brasil de hoje, justo seria que as autoridades

estimulassem a produção nacional de drogas. Viabilidade existe, pois dispomos de 34 hospitais-escolas mantidos pelo MEC. Certamente, todos estarão interessados na disponibilidade de medicamentos para consumo. Seria exagero esperar que as muitas escolas oficiais de Medicina e de Química, que são de tão boa qualidade, produzissem medicamentos e os comercializassem?

Parece-nos, acima de tudo, um ato patriótico se o fizessem, pois isto contribuiria, e muito, para que nossa gigantesca dívida externa diminuísse. Resta-nos, pois, esperar do Governo, da iniciativa privada, das universidades, um impulso decisivo. Certamente, seria compensador.

Que se equipem, pois, os laboratórios existentes em todas as faculdades do País. A produção,

certamente, seria uma decorrência natural, pois técnicos não nos faltam. O mercado compensará os gastos, a demanda está aí para prová-lo. Com esta fórmula simples, todos seriam atendidos a ponto de ninguém perder.

O que não se pode aceitar é estarmos, hoje, sob risco de ficar sem relaxantes musculares, quando, já em 1952, anúncio na "Revista Brasileira de Anestesiologia" dava conta da qualidade de Kondrocurare, relaxante muscular produzido pelo Instituto Vital Brasil.

Ney Regattieri Nascimento, TSA
Rua Prudente de Moraes, 1.112
80410 – Curitiba, PR

Separatas da RBA

Caro Masami

Apenas para sua ciência, recebi mais um pedido de separata do artigo Aspectos da Transfusão Maciça de Sangue, publicado em 1985 na nossa Revista. Desta vez, da Alemanha Oriental.

Curiosamente, os três pedidos recebidos (e atendidos) provêm de países de trás da "cortina de ferro" e eu fico querendo saber duas coisas: 1º – como eles leram artigo escrito em portu-

guês? 2º – qual terá sido o sua fonte de referência? De qualquer forma, é fato muito positivo e lisonjeiro para a RBA.

Um abraço.

Alfredo F. Carvalho
Rua Francisco Medeiros, 43
21051 – Rio de Janeiro, RJ